

Bruna Franchetto e Yonne Leite

Origens da Linguagem

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Copyright © 2004, Bruna Franchetto e Yonne de Freitas Leite

Copyright desta edição © 2004:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Composição eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda.

Impressão: Geográfica Editora

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Franchetto, Bruna

F888o Origens da linguagem / Bruna Franchetto e Yonne Leite. — Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2004
(Passo-a-passo)

Inclui bibliografia

ISBN 85-7110-787-4

1. Linguagem e línguas – Origem. 2. Linguagem e línguas – Filosofia. I. Leite, Yonne, 1935-. II. Título. III. Série.

04-1089

CDD 401

CDU 81-2

Introdução

A busca de conhecimentos sobre o passado remoto da humanidade e sobre a origem de nossos ancestrais está presente, com diversas roupagens, em todas as épocas e é objeto de explicações da mais variada natureza, para vários povos.

Para os karajás, povo indígena que habita a ilha de Bananal (TO), sua origem vem dos aruanãs, peixes que habitavam águas profundas. Um aruanã, afoito e curioso, nada para muito longe e segue um raio de luz que lhe permite ver sua sombra. Diverte-se com ela, mas, com medo, volta ao seu grupo. Sonha, então, com estranhas regiões. Torna a seguir o raio de luz e, ao chegar à superfície, fascinado, depara-se com um mundo de luz e calor, árvores, pássaros, lagos, céu e água. Transforma-se em gente de verdade e corre pelos prados, ouve o canto dos pássaros, come as frutas silvestres, sente o perfume das flores. Mas ali também estão o sofrimento, o perigo e a morte. Volta para o mundo dos aruanãs e vira peixe de novo. Um grupo de aruanãs, maravilhado com o relato do companheiro, resolve repetir sua experiência. Um a um sobem à superfície e se

transformam em gente de verdade. Para que sua transformação se complete, a fim de se adaptarem às novas condições de vida na Terra, têm de adquirir a mobilidade que já existia nos primeiros habitantes. Assim, no processo de hominização dos aruanãs, um traço fundamental é o da aquisição de movimento, que passa a constituir o traço distintivo do homem de verdade, opondo-se, então, à imobilidade dos pré-humanos do mundo subaquático.

Para os tapirapés, povo tupi que habita o rio Tapirapé, afluente do rio Araguaia (MT), os homens é que são transformados em bicho. Peetora, um herói mítico, vai andando pela terra e “sopra palavras” para transformar em animais as duplas de tapirapés que encontra pelo caminho. Dois tapirapés que faziam bordunas para enfrentá-lo, pois a vinda de Peetora havia sido anunciada, não o reconhecem, por estar ele disfarçado, e tornam-se, pela palavra soprada por Peetora, tamanduás. As bordunas passam a ser seus rabos. Outros dois tapirapés são transformados em quatis e dois jovens adolescentes, usando a pintura corporal de jenipapo, própria para sua classe etária, são transformados em macacos. Observe-se que, semelhantemente à arca de Noé, é necessária uma dupla para garantir a sobrevivência da espécie. E mais: a palavra “soprada” tem força criativa. O mito que celebra e mantém na memória a antiga humanidade terrestre tapirapé se encerra com um canto, ou melhor, com palavras cantadas, em que os atores-animais ou animais-atores rememoram sua transformação.

Os povos indígenas que habitam a região do Alto Xingu, também no Mato Grosso, nos dão uma versão própria

da frase bíblica: no princípio era o verbo. Os kuikuros, por exemplo, dizem que a linguagem sempre existiu, mesmo antes de existir a humanidade atual criada pelos gêmeos Sol e Lua. O mundo original era habitado por demiurgos, seres poderosos que podiam fazer tudo e se transformar constantemente. Foram eles que criaram e nomearam as coisas importantes para a vida dos índios. Ao dar um nome, os demiurgos reduziam as dimensões excessivas, quase monstruosas, das coisas originais ao seu tamanho de hoje. Desse modo, os homens perderam a mandioca primordial, que dava bebida e polvilho diretamente de seus ramos, e ficaram com as espécies atuais, uns poucos tubérculos enterrados para cada planta. No tempo mítico, todos eram seres sobrenaturais; homens e animais falavam e se comunicavam. Assim, a linguagem sempre existiu, já que ela está na origem de tudo. Para os alto-xinguanos o problema a ser explicado é por que os animais perderam a capacidade de falar. O mundo dos seres sobrenaturais se apartou do mundo dos homens e dos animais, e estes últimos se separaram dos homens em uma série de eventos cheios de conflitos e vinganças, seguidos pelo castigo ou por um novo pacto. Assim, as onças, acuadas e atacadas em sua aldeia pelos gêmeos Sol e Lua, cuja mãe tinha sido por elas assassinada, resolveram, para não serem dizimadas, fugir para a floresta, tendo prometido não mais matar os humanos. Foi então que as onças começaram a rugir e grunhir e não mais puderam falar.

No Velho Testamento, o mundo é criado pela palavra de Deus. No Gênesis, no primeiro dia da criação, o Criador

diz: “Faça-se a luz”. E a luz se fez. “E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas, noite”. E foi com a palavra que Deus criou os animais, e do barro que ele modelou o homem, à sua imagem e semelhança, “e criou-os varão e fêmea”, e com um sopro de vida em seu rosto tornou o homem “alma vivente”. “Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e todas as aves do céu, levou-os diante de Adão, para ver como este os havia de chamar; e todo nome que Adão pôs aos animais vivos, esse é seu verdadeiro nome.”

No mundo mítico, não há uma cadeia evolutiva lenta e gradual. Antes, há um salto transformador através do qual os animais humanos, antiga humanidade terrestre, foram transformados em animais verdadeiros ou em heróis míticos. Os animais humanos falavam e, ao serem transformados em animais, perderam essa habilidade, que se conservou apenas nos heróis.

Na Bíblia, Adão foi criado já dotado de linguagem. Deus, o Criador, também fala. E cria o mundo com a palavra, e o homem, com um sopro. É precisamente essa faculdade de falar e de nomear que traça a linha divisória entre humanos verdadeiros e animais verdadeiros. É impossível se imaginar um ser superior ou um herói civilizador que não seja dotado da mais importante faculdade do homem: a linguagem.

No pensamento científico moderno, descendemos não de peixes, mas de macacos, numa longa cadeia evolutiva que se iniciou há pelo menos 25 milhões de anos. Tivemos de nos tornar bípedes, assumir a posição ereta, lateralizar o

cérebro, aumentar e modificar a estrutura de neurônios para adquirir a faculdade que singulariza definitivamente o homem em relação aos gorilas e chimpanzés.

Convém ressaltar que a faculdade humana da linguagem não se limita à nomeação de coisas e ao enfileirar linear aleatório de palavras, como contas num colar. A descrição dessa capacidade humana exige mecanismos bem mais complexos do que o mero reconhecimento da associação entre coisas e palavras, que teriam tido sua origem na imitação dos sons da natureza, como foi proposto muitas vezes. Seria preciso explicar a evolução dessa fase primeva, em que uma palavra corresponderia a uma sentença, se é que isso aconteceu, até a formação de frases, evolução determinada por princípios bem menos aparentes do que o distanciamento gradual da criação imitativa. Como explicar, dentre vários outros processos, a existência nas línguas humanas de mecanismos que permitem o encaixe de sentenças uma dentro de outras, como em *O cachorro que mordeu o gato que matou o rato que roeu o queijo morreu envenenado*, na qual a sentença *o rato que roeu o queijo* foi encaixada em *o gato matou o rato* e ambas foram embutidas na frase *o cachorro morreu envenenado*?

Se a ciência de hoje, com sua metodologia, tipos de argumentação e provas, oferece explicações de nossa origem bem diferentes das dos karajás, tapirapés, povos do Xingu e da Bíblia, há algo comum a esses mundos distantes: a evidência da universalidade de um mal definido “espírito” humano, qual seja, a necessidade comum e perene de saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

Em busca de uma explicação

A questão da origem da linguagem ou, em outros termos, da evolução do comportamento comunicativo humano é altamente controversa, dada a inexistência de provas e testemunhos factuais, diferentemente da evolução da espécie humana, para a qual existem evidências concretas. Isso tornou o tema sujeito às mais inusitadas divagações e propostas fantasiosas. Uma das primeiras teorias sobre a origem da linguagem humana é que as palavras surgiram da tentativa de imitar os sons produzidos pelos animais, como *quá-quá*, *bem-te-vi*, *cuco*, e os sons da natureza circundante, como o farfalhar das folhas, o correr das águas, o barulho do vento e da chuva, por meio de sons sibilantes ou chiantes, como *s*, *z*, *ch*, de nasais murmurantes, como *m*, e de líquidas, como *l* e *r*. A imitação tornava-se a palavra que designava o objeto. Essa teoria, conhecida como teoria onomatopaica, evoca a seu favor a existência de onomatopéias em todas as línguas. Além disso, é comum a mãe, ao mostrar ao filho pequeno um livro com animais, dizer: *olha o au-au*, *olha o miau*, *olha o cocoricó*, *olha o muu*, nomes que muitas vezes a criança usa para se referir ao cachorro, gato, galo e vaca. No entanto o elo perdido está em se saber como de *au-au* passa-se a *cachorro*, de *miau* a *gato*, de *cocoricó* a *galo*, de *muu* a *vaca*.

Outra possibilidade proposta, muito semelhante à explicação onomatopaica, foi a de identificar o germe da linguagem nas interjeições. Os primeiros sons produzidos pelos homens teriam sido exclamações de dor, alegria, de-

sespero, espanto, surpresa, o que também não explica como se passou do estágio dos gritos expressando emoções à linguagem articulada de frases como *eu estou com dor*, *eu estou feliz*, *eu estou desesperado* etc.

De certo modo as teorias de uma origem imitativa propõem que a ontogênese é uma réplica da filogênese, ou seja, o desenvolvimento do indivíduo reproduz as fases da evolução da espécie.

Outra teoria, um pouco mais elaborada e com base nos processos de produção dos sons, mas também inverossímil como as demais, sugere que o esforço muscular exagerado ou difícil e especialmente os esforços rítmicos são geralmente acompanhados por ação intermitente da glote, da língua, dos lábios e do palato mole. A alternância dos movimentos de segurar e soltar a respiração, algumas vezes fazendo as cordas vocais vibrarem, produziu a voz. Assim, os primeiros sons teriam sido os que acompanham o acasalamento, o comer, as lutas e ocasiões festivas, e depois passaram a significar esses eventos.

Esse quadro cientificamente desanimador, em que a imaginação não tinha limites, fez com que a Société de Linguistique de Paris aprovasse uma moção proibindo, em 1866, toda e qualquer menção à origem da linguagem nos estudos científicos.

Desde então, contudo, a situação mudou bastante. Os avanços alcançados na biologia evolutiva, na genética e na psicologia cognitiva levaram à suspensão da proibição do tema e ao ressurgimento do interesse sobre a evolução da linguagem. Tanto assim que, em 1996, a Universidade de

Edimburgo, Escócia, foi sede da I Conferência Internacional sobre Origem da Linguagem, que teve continuação bienal: em 1998, ocorreu na Universidade de Londres; em 2000, em Paris (mesma cidade em que, mais de um século antes, se proibira o tratamento do tema); em 2002 realizou-se na Universidade de Harvard. Em 2004 acontecerá no Instituto Max Plank, em Leipzig, Alemanha.

As áreas de conhecimento listadas nas circulares convocatórias dessas conferências ilustram a perspectiva multidisciplinar com que se procura encaminhar as possíveis respostas científicas: antropologia, genética, biologia populacional, lingüística, psicologia, primatologia, etologia, paleontologia, arqueologia, vida artificial, modelagem matemática. O caráter científico e não-especulativo fica garantido pelas instruções dadas para a apresentação de propostas de comunicações. Assim, as propostas submetidas são avaliadas segundo os padrões usuais de qualidade acadêmica e devem conter teses próprias, relacionadas à literatura científica relevante, explicitando o método, a natureza dos dados e o ponto central do argumento teórico apresentado. Parece que o fantasma do imaginário do século XVIII continua rondando o tema da origem da linguagem e é preciso exorcizá-lo, garantindo a cientificidade das discussões.

O caminho percorrido para libertar o estudo da origem da linguagem de explicações religiosas ou filosóficas e o estabelecimento de padrões considerados rigorosamente científicos é longo e tortuoso, com idas e vindas, ainda em parte mal entendidas, mas é preciso percorrê-lo para avaliar o quanto já se fez e entender as novas roupagens de que o tema é revestido.

E tudo começou na Grécia

A civilização ocidental desenvolveu-se na confluência de duas longas correntes de idéias: a judaico-cristã, no que concerne às crenças religiosas, e a greco-latina, a quem devemos os primeiros elementos racionais da arte, da literatura e das ciências. Os babilônios, por exemplo, empregaram a geometria, mas foram os gregos que estabeleceram os postulados da astronomia, da aritmética e da geometria, tornando-as ciências independentes, e que nos legaram o alfabeto e a terminologia para se descrever as línguas.

Com sua necessidade insaciável de questionamento do mundo, eles formularam também questões básicas sobre a linguagem, as quais até hoje intentamos responder.

Antes de Sócrates (470/469-399 a.C.), falar e agir estavam intimamente associados. A palavra é ação, faz agir, conduz, mas também engana. Zeus, o deus supremo do Olimpo, fala forte e age eficazmente. A linguagem servia à arte da persuasão e ao homem político. É na primeira metade do século VIII a.C., com o poeta Hesíodo, que a palavra passa a ter a função de revelar a ordem do mundo.

E é com o filósofo ateniense Platão (427-347 a.C.) que a controvérsia das relações entre nomes e coisas é formulada de maneira explícita, em *Crátilo*, diálogo que trata da origem da linguagem. As perguntas que movem o debate entre o próprio e Hermógenes são: seriam os nomes (*ónoma*) provenientes de uma afinidade natural com as coisas, em outras palavras, impostos aos homens por uma necessidade da natureza, ou seriam eles o resultado de uma convenção

ou de um contrato (*nómos*), isto é, originários de um ato dependente apenas do poder de julgamento dos homens?

A favor da tese naturalista, *physis*, evocam-se as onomatopéias e o simbolismo sonoro de alguns nomes. Na procura de evidências, os nomes são decompostos em partes, sendo uma delas, a raiz, a que pode revelar seu sentido verdadeiro. Essas unidades primeiras da linguagem deveriam corresponder às unidades primeiras do pensamento.

A filosofia grega visava tão-somente à compreensão da idéia original que dera lugar ao vocábulo, uma vez que a língua não era vista como um acontecimento histórico em mutação. Os gregos também não trataram da diversidade lingüística. Todas as suas teses sobre a linguagem se circunscrevem ao grego, como se a língua grega resumisse todas as demais.

É a partir do filósofo macedônio Aristóteles (384-322 a.C.) que a concepção convencionalista, em que a linguagem se destaca como um fato e uma criação eminentemente humanos, toma vulto. As palavras são construções dos homens e não uma imitação (*mímesis*) do objeto nomeado.

Nesse contexto, a cadeia evolutiva da constituição de uma linguagem humana em si não era de interesse. Desde que se fosse homem ou deus, tinha-se uma linguagem com determinadas características formais e lógicas. A questão estava em lidar com os desvios entre a imperfeita linguagem comum e a eternamente procurada perfeição da linguagem lógica, não em descobrir o seu estágio primevo.

O pensamento grego contém controvérsias que se tornam divisores de água cruciais para o estabelecimento de paradigmas que vão e vêm na gangorra da história da lingüística, tais como universalismo *versus* relativismo, racionalismo *versus* empirismo, mentalismo *versus* behaviorismo, inatismo *versus* aquisição.

Quando a linguagem é música e paixão

Se para os gregos a linguagem é razão ou, enquanto palavra que conduz à ação, persuasão e engano, para o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) ela é acima de tudo música e paixão. Em seu belíssimo e clássico *Ensaio sobre a origem das línguas*, publicado, após sua morte, em 1781, a motivação para a linguagem humana vem da necessidade de comunicação, uma vez que os homens constituem uma sociedade. E o homem pode comunicar-se pelo movimento corporal (o gesto) ou pela vocalização (a palavra). É a linguagem como convenção que distingue o homem dos demais animais. O gesto nasce das necessidades físicas naturais; a palavra nasce da paixão, do sentimento. Como declarar o amor a uma mulher apenas com gestos? Só a poesia e a música podem fazê-lo. Se as necessidades afastam os homens, a paixão os aproxima. Segundo Rousseau, o homem não começou raciocinando, mas sentindo.

Há várias formas de linguagem: a do olhar, a do toque, a dos sinais... A comunicação pode até se dar sem palavras. O silêncio é, às vezes, mais eloqüente do que a argumentação

bem engendrada. Rousseau exemplifica a linguagem sem palavras utilizando o relato de Ateneu, no qual o orador Hipérides fez absolver a cortesã Frinéia sem proferir em sua defesa uma única palavra, simplesmente apresentando-a nua aos juízes. Atos também substituem eloqüentemente a fala. Quando o levita Efraim quis vingar a morte de sua mulher assassinada pela tribo de Benjamim, não escreveu às tribos de Israel, mas dividiu o seu corpo em 12 pedaços, que enviou a elas. À horrenda visão, empunharam rapidamente as armas, gritando a uma só voz: “Não! Nunca tal coisa aconteceu em Israel, desde o dia em que nossos pais saíram do Egito até hoje.” E a tribo de Benjamim foi exterminada.

Exemplos como esses se sucedem com a finalidade de demonstrar que a linguagem responde a uma necessidade interna humana, que surgiria mesmo sem o intermédio da voz. Parece a Rousseau que a invenção da arte de comunicar idéias depende menos dos órgãos da fala, e que, caso esses faltassem, outros seriam usados com o mesmo fim.

A concepção de Rousseau do fenômeno da linguagem é ampla e complexa, mas o que nos interessa aqui é sua hipótese evolutiva da linguagem vocalizada. Para ele, essa evolução está diretamente ligada ao desenvolvimento das formas de vida social.

A linguagem primitiva, produto das necessidades físicas e momentâneas, atributo natural de homens e animais, aparece nas imagens com que Rousseau descreve o “estado de natureza”. Em suas próprias palavras: “Nos primeiros tempos, os homens esparsos na superfície da terra não possuíam outra sociedade que não a da família, outras leis

que não as da natureza e por língua apenas o gesto e alguns sons inarticulados.” É no longo período que separa o “primeiro estado de natureza” do aparecimento do que Rousseau chama de “estado de sociedade” que surge essa primeira língua universal, “grosseira e imperfeita”, feita de gestos, vocalizações e onomatopéias. O homem, porém, possui um privilégio: o de ter em sua própria essência a possibilidade, pronta a se realizar, de sair do estado de natureza e desenvolver línguas de convenção ou línguas adquiridas em sociedade. As primeiras palavras livres do condicionamento das necessidades físicas, portanto, foram motivadas exclusivamente pelo sentimento e pelas necessidades morais.

Paixão, canto, música, poesia e palavra figurada precedem à linguagem simples, metódica, racional. Dos selvagens caçadores aos bárbaros pastores, aos civilizados agricultores, evoluir é, pois, perder a voz arrancada pelas paixões e encontrar o sentido distinto e próprio dos nomes das coisas vistas em sua forma verdadeira, em outras palavras, raciocinar. As primeiras línguas teriam sido caracterizadas por muitas vogais e poucas consoantes, poucas articulações, sons variados, multiplicidade de acentos; “cantar-se-ia no lugar de falar”. Onomatopéias e interjeições eram ainda elementos freqüentes. Essas línguas possuíam muitos sinônimos, poucos advérbios e poucas palavras abstratas, inúmeros aumentativos e diminutivos, palavras compostas, muitas irregularidades e anomalias, prendendo-se à eufonia, ao número, à harmonia e à beleza dos sons.

A descrição feita por Rousseau das primeiras línguas é apaixonada, palpitante, assim como o é a breve descrição

daquelas que ele chama de “meridionais”, ou seja, faladas fora do mundo dito “civilizado”. A evolução para a racionalidade é apenas anunciada na menção aos diálogos platônicos, mas com o lamento sobre a perda da idade de ouro, quando se instaura a desigualdade entre os homens e a separação entre paixão e razão, entre linguagem e mundo, entre signo e coisa, entre participação e representação. Para Rousseau, língua, sociedade e desigualdade são aquisições tardias e estão estreitamente ligadas.

O mérito do texto de Rousseau não é apenas a sua beleza estética. O seu elogio da linguagem primeva e da paixão inverte o pensamento evolutivo dominante à época, em que as línguas primitivas eram consideradas imperfeitas, pobres, no limite entre o humano e o animal, guturais, feias. Essa concepção, aliás, continua vigorando no senso comum até hoje. Ora valoriza-se o inglês pela sua praticidade, fazendo-a “a língua internacional da ciência”, ora o francês pela racionalidade que se desdobra em elaboradas construções sintáticas, ora o português como “a última flor do Lácio, inculca e bela”, ora o português brasileiro por sua musicalidade intrínseca. E as línguas ameríndias ou africanas são consideradas rudes, de vocabulários restritos, palavras que não se desprendem do concreto e imediato, com sons estranhos; alguns até lhes negam o estatuto de línguas e a existência de uma gramática. Foi somente no século XX que esse esquema evolutivo foi definitivamente contestado, pelo menos no âmbito da antropologia e da lingüística, como veremos na seção dedicada à diversidade das línguas.